

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano IV — Número 42

Junho de 1966



O Edito de Constantino

por Arnaldo Cristianini

Ninguém nega que no dia 7 de março de 321, o imperador Constantino promulgou uma lei que assim reza:

«*Que todos os juizes e todos os habitantes da cidade, e todos os mercadores e artífices descansem no venerável dia do Sol. Não obstante, atendam os lavradores com plena liberdade ao cultivo dos campos; visto acontecer a miúdo que nenhum outro dia é tão adequado à sementeira do grão ou ao plantio da vinha; daí o não se dever deixar passar o tempo favorável concedido pelo Céu.*» — Codex Justinianus, lib. 13, it. 12, par. 2 (3).

Atesta a História que este acontecimento influiu decisivamente para transformar o incipiente «festival da ressurreição» num autêntico «dia de guarda» no império romano, costume que se difundiu em outros países.

Antes de outras considerações, seja dito que o «dia do Sol» aí mencionado era o primeiro dia da semana. O paganismo de antanho valia-se da semana astrológica que dedicava o primeiro dia ao Sol, o segundo à Lua, o terceiro a Marte, o quarto a Mercúrio, o quinto a Júpiter, o sexto a Vénus, e o sétimo a Saturno. Esta denominação planetária ainda permanece na designação dos dias da semana em certas línguas, como o castelhano, o italiano, etc. No inglês, *sunday*, é, literalmente, «dia do Sol.»

Nos primeiros séculos da era cristã, o mitraísmo, ou religião de Mitra, que tinha o Sol como centro de adoração, achava-se largamente difundida no império romano. O próprio Constantino era mitraísta convicto, e mesmo sua suposta conversão ao cristianismo não lhe alterou muitas convicções pagãs.

Na esfera civil deu ele um passo quase decisivo para que o primeiro dia da semana se tornasse o que ainda não

era: *dia de guarda*. Promulgou a primeira lei neste sentido, coroando assim a gradual implantação do domingo na igreja e no mundo.

Antes disso os cristãos não *guardavam* o domingo. Boa parte deles, já em plena fermentação da apostasia gradual, reuniam-se de *manhã* no primeiro dia da semana para o chamado «festival da ressurreição,» e depois voltavam aos misteres costumeiros.

Tertuliano, aproximadamente no ano 200 escrevia: «Sòmente no dia da ressurreição do Senhor deviam (os cristãos) guardar-se não apenas contra o ajoelhar-se mas contra todos os gestos de serviço de solicitude, ADIANDO MESMO NOSSAS OCUPAÇÕES para não darmos qualquer lugar ao maligno.» A expressão que destacamos em maiúsculas «adiando mesmo nossas ocupações», prova que o «festival da ressurreição» não exigia que o primeiro dia da semana fosse *guardado*, como dia santificado em substituição ao sábado do Decálogo.

Há outros depoimentos que corroboram o facto. Para confirmá-los, o Rev. Albert C. Pitman, pastor da Primeira Igreja Baptista de Dayton, Ohio, E. U. A., escreveu: «Primitivamente reuniam-se (os cristãos) no domingo *de manhã* porque o domingo não era um dia feriado, *mas sim um dia de trabalho normal como os demais...* Cantavam um hino a Cristo, ligavam-se por um voto de companheirismo, partilhavam de uma merenda religiosa e, *em seguida, retornavam ao seu trabalho para os labores da semana*». *The Watchman-Examiner*, de 25-10-1956 (Grifos nossos).

Nesta moldura histórica, surge o decreto de Constantino, pelo qual deviam cessar as ocupações, tornando o primeiro dia da semana um *dia de guarda*. O imperador tinha em mira agradecer os cristãos de seus dias, com os

quais se conluiara, porém visando conciliá-los com a observância do «dia do Sol», que os pagãos (mitraístas) observavam. Foi hábil manobra política.

A autorizada Enciclopédia Britânica, artigo „Sunday”. acrescenta:

«O mais antigo reconhecimento da observância do domingo, como um dever legal, é uma constituição de Constantino em 321 A. D., decretando que todos os tribunais de justiça, habitantes das cidades e oficinas deviam repousar no domingo (venerabili die Solis), com uma excepção em favor dos que se ocupam do trabalho agrícola.»

Observe-se a expressão «mais antigo reconhecimento», que prova não ser até aquele tempo líquida e certa a observância dominical.

A Enciclopédia Americana, no artigo «Sabbath», diz o seguinte a respeito do decreto:

«Constantino, o Grande, baixou uma lei para todo o império (321 A. D.) para que o domingo fosse guardado como dia de repouso em todas as cidades e vilas; mas permitia que o povo do campo seguisse seu trabalho.»

Claramente se deduz que os pagãos já guardavam o «dia solar». Pelo decreto, porém, o mesmo dia devia ser por todos, inclusivé os cristãos, «guardado como dia de repouso» em todas as cidades e vilas.

A Enciclopédia de Chamber, no verbete «Sabbath», afirma:

«Inquestionavelmente, a primeira lei, tanto eclesiástica como civil, pela qual a observância sabática daquele dia se sabe ter sido ordenada, é o édito de Constantino em 321 A. D.»

Notemos que Chamber diz ser lei também *eclesiástica*. Porquê? Devido à fusão do Estado com o Cristianismo. Algumas décadas depois, um concílio eclesiástico confirma por um cânon a obrigatoriedade da observância dominical (Concílio de Laodicéia, em 364 A. D.).

A influência da igreja semi-apostata na elaboração do decreto é evidente. Eusébio, contemporâneo, amigo e apologistista de Constantino escreveu: Todas as coisas que era dever fazer no sábado, estas NÓS as transferimos para o dia do Senhor.» — Eusébio, *Commentary on the Psalms*.

Essa expressão «nós transferimos...» é sintomática, e prova que es-

se dia de guarda é de invenção humana, puramente humana, de procedência pagã, de um paganismo já amalgamado com o cristianismo desfigurado da época.

«Os cristãos trocaram o sábado pelo domingo. Constantino, em 321, determinou a observância rigorosa do descanso dominical, excepto para os trabalhos agrícolas... Em 425 proibiram-se as representações teatrais (nesse dia) e no século VIII aplicaram-se ao domingo todas as proibições do sábado judaico.» — *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, art. «Domingo».

O grande e abalizado historiador, cardeal Gibbon, com sua incontestada autoridade, assevera o seguinte:

«O Sol era festejado universalmente como o invencível guia e protetor de Constantino...»

«Constantino averbou as de *Dies Solis* (dia do Sol) o 'o dia do Senhor' — um nome que não podia ofender os ouvidos de seus súbditos pagãos». — *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, cap. 20 §§ 2.º e 3.º (Vol. 2, págs. 429 e 430).

Ainda sobre o significado do célebre édito diz-nos o insuspeito Rev. Ellicot.

«Para se entender plenamente as proviões deste édito, deve-se tomar em consideração a atitude peculiar de Constantino. Ele não se achava livre de todo o vestígio da superstição pagã. É fora de dúvida que antes de sua conversão, se havia devotado especialmente ao culto de Apolo, o deus-Sol... O problema que surgiu diante dele era legislar em favor da nova fé, de tal modo a não parecer totalmente incoerente com suas práticas antigas, e não entrar em conflito com o preconceito de seus súbditos pagãos. Estes factos explicam as particularidades deste decreto. Ele denomina o dia santo, não de dia do Senhor, mas de 'dia do Sol' — a designação pagã, e assim já o identifica com seu antigo culto a Apolo.» — Rev. George Ellicot, *The Abiding Sabbath*, pág. 1884.

Se isso não bastar, temos ainda o insuspeito testemunho do Dr. Talbot. Ei-lo:

«O imperador Constantino, antes de sua conversão, reverenciava todos os deuses (pagãos) como tendo poderes misteriosos, especialmente Apolo, o deus do Sol, ao qual no ano 308, ele Constantino conferiu dádivas riquíssimas; e quando se tornou monoteísta o deus ao qual adorava era — segundo nos informa UHLHORN — antes o 'Sol INCONQUISTAVEL' e não o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. E na verdade quanto ele impôs a observância do dia do Senhor (Domingo) não o fez sob o nome de *sabbatum* ou *Dies Domini*, mas sob o título antigo, astrológico e pagão de *Dies Solis*, DE MODO QUE A LEI ERA APLICÁVEL TANTO AOS ADORADORES DE A-

Continua na página 9

O Sinal do Verdadeiro Povo de Deus

por A. G. Maxwell

Conclusão do número anterior

sua fé em Jesus, abandonou, igualmente, a observância do Sétimo Dia da semana.

O primeiro dia da semana é também o dia em que Jesus ressuscitou dos mortos. Ora, «se Cristo não ressuscitou — dirá S. Paulo — é vã a vossa fé» (I Cor. 15:17). Por outro lado, muitos cristãos dos primeiros séculos eram impelidos a fazer o impossível para não serem confundidos com os judeus. Ora, o que distinguia, sobretudo estes era a observância do Sábado. Substituindo este pelo primeiro dia da semana, os Cristãos provavam — pensavam eles — que tinham rompido com as crenças e as práticas dos Judeus.

O conhecimento destes factos deve causar em nós mesmos uma real simpatia para com os nossos amigos cristãos que não observam o Sábado. Muitos deles são para nós exemplo de fé cristã, mas a verdade é que não compreendem as relações que unem esta fé e a observância do Sábado, senão no momento em que lhes forem apresentadas provas irrefutáveis. Foi pensando nisto mesmo que a irmã White disse que numerosos membros do corpo de Jesus ainda estão dispersos noutras Igrejas. (*Conflito dos Séculos*, pág. 427.

Mas a humanidade pagou muito caro a substituição do Sábado pelo domingo. Porque, fora do Sábado, quem responde às três grandes perguntas, de que falámos? Pois forjaram-se outras soluções, como vamos ver.

Donde vimos?

Fora do Sábado, que nos recorda que fomos criados por Jesus, apresenta-se a teologia errónea da Evolução. Ou, então, como outros dizem mais cientificamente: «Não sabemos donde vimos».

Por que existimos? Como tirar o melhor partido da vida?

Fora do Sábado, que nos recorda que a justiça e a salvação procedem da fé em Jesus, chegou-se ao erro teológico da justificação pelas obras. Ou, como outros têm dito com maior precisão: «Visto não sabermos por que existimos, comamos, e bebamos, porque amanhã morreremos».

Para onde vamos?

Pondo de parte o Sábado, que chama a nossa atenção para a Segunda Vinda de Jesus e para a restauração final de todas as coisas, chegou-se ao erro nefasto da imortalidade essencial da alma. Ou, como outros preferem dizer: «Visto não sabermos o que nos espera depois desta vida, aproveitemos as alegrias que ela nos oferece».

O Sábado desempenha um papel importantíssimo. A diferença essencial entre as numerosas religiões e o verdadeiro Cristianismo encontra-se nas respostas a estas três grandes perguntas.

Fiquei particularmente impressionado por tudo isto, quando, há anos, segui um curso de filosofia religiosa numa universidade. Passaram-se ali em revista alguns dos principais sistemas filosóficos. No fim, devíamos resumir tudo o que tinha sido objecto do nosso estudo. Depois de ter reflectido bastante, resolvi observar que, no nosso curso, tínhamos aparentemente chegado a estas conclusões: «Não sabemos de donde vimos, ignoramos por que estamos neste mundo, e não sabemos o que nos acontecerá depois da morte». Quando me restituíram o meu trabalho, li, nele, à margem, as seguintes palavras: «E quem o pode saber?»

Há muita gente neste mundo que não é capaz de responder a estas três perguntas, mas que gostava de o saber. Quando apresentamos a questão do Sábado, convidamos todos os homens a reconhecer Jesus como Criador, como quem os santifica e que voltará.

Na sua versão da Bíblia, Moffat deu de Ezequiel 20:12 a seguinte versão: «Eu dei-lhes o meu Sábado para marcar o laço que existe entre Mim e eles, para lhes ensinar que Eu sou o Eterno, que os pus à parte».

A última mensagem de Deus ao mundo inclui a restauração deste laço que a maior parte das pessoas se rompeu: o Sábado do Sétimo Dia. Não é uma mensagem legalista. Não é uma advertência para observar o Sábado ou outros mandamentos de Deus, sob pena de morte. É pelo contrário, uma mensagem de amor e de fé. Pregamos a Cristo como sendo Quem nos criou, no início, que nos quer criar de novo, e que virá, bem depressa para restaurar todas as coisas. Quando pregamos isto, pregamos o Sábado do Sétimo Dia.

Por isso é que o Sábado é o grande tema, o tema central do último grande conflito. O prêmio da luta não é apenas um dia, mas a eternidade.

No fim dos tempos, os homens dividir-se-ão em dois grupos. No mais pequeno estão os que aceitam a Jesus e em cuja vida se manifestará o Seu carácter por causa da sua fé n'Ele, do seu amor e da sua admiração por Ele.

O outro grupo, infelizmente, mais numeroso, será composto por todos aqueles que seguiram a Satanás e que, por causa da sua fé nele e da sua preferência por ele, reflectem o seu carácter.

Quando vier tal tempo, a observância do dia que substituí o Sábado, exprime a fé num Cristo impostor, do qual já há muito se disse que: «exaltou o seu trono acima das estrelas de Deus... que quis ser semelhante ao Altíssimo» (Isaias 14:13, 14).

Naquele momento, a observância do Sábado será da parte do cristão, um reconhecimento público — talvez com perigo da sua vida — da sua fé no verdadeiro Cristo, e da sua confiança ilimitada em Jesus, seu Deus, seu criador e seu Salvador.

Julguemos, portanto, se em tais condições, é justo dizer que os nossos amigos cristãos que observam o domingo

já têm o sinal da besta, e que todos os que professam observar o Sábado do quarto Mandamento receberam sinal de Deus. Quanto o Evangelho tiver sido pregado em todo o mundo e que o resultado do grande conflito for claramente definido, então é que o falso Sábado será o sinal da obediência ao grande adversário. Quanto à observância do Sábado, será a marca, o sinal da obediência a Jesus Cristo.

A boa maneira de observar o Sábado

Se o Sábado tem um valor, como é que deve ser santificado?

Os nossos pais espirituais, os Judeus, esforçavam-se por se conformar a todas as exigências do quarto Mandamento. Para isto, multiplicavam as regras. Contudo, quando Jesus veio viver entre eles não chegou a convencê-los de que a sua maneira de observar o Sábado era errônea. A razão era porque tinham esquecido o que representava o Sábado. Obedeciam a um mandamento arbitrário que os obrigava a cessar todo o trabalho naquele dia. Tinham perdido de vista que o Sábado é o memorial do poder criador de Deus. Não eram capazes de compreender que aquele dia é um tipo do repouso futuro e da restauração que o há-de acompanhar. Em lugar disto, esperavam eles um reino terrestre.

Tinham, sobretudo, esquecido que o Sábado é destinado a recordar-nos que é Deus que nos santifica, e que a justiça vem da fé e não das obras da lei, por melhores que elas sejam.

Foi assim, que na sexta-feira da crucifixão, à tarde, alguns chefes judeus foram a Pilatos para lhe pedir licença de retirarem da cruz o corpo do seu Criador, para poderem santificar o Sábado, para obedecerem Àquele mesmo Criador que eles tinham morto.

Não estamos livres de nos perdermos no formalismo. Talvez que nos contentemos, para obedecer ao Mandamento, de cessar as nossas ocupações de sexta-feira, do pôr-do-sol até ao outro pôr-do-sol de Sábado? Se é este o nosso caso, então não santificamos o Sábado

Continua na pág. 7

Felicidade Matrimonial

D. A. Delafield



PARABÉNS, jovens recém-casados! Entrastes na fila dos esposos e esposas felizes cuja vida foi ligada pelos laços da mais íntima união. Lado a lado caminhais com outros construtores de lares na estrada da vida, rumo ao alvo de tornar cada vez maior o número de casamentos bem sucedidos.

Ainda está viva em vossa memória a irrequieta ventura do dia de vosso enlace e a emocionante experiência do momento em que transpusestes juntos os portais de vosso pequeno lar.

Sereis sábios se meditardes sobre as cenas do dia de vossos esposais, vezes e mais vezes — revivendo, ambos, aquele dia, a fim de manterdes sempre vivos na mente os deveres e votos que assumistes.

Não vos esqueçais de que a cerimónia matrimonial é o bilhete de passagem para o navio em que ides navegar no mar do matrimónio. Aliás, a cerimónia em si jamais será esquecida, pois ela é uma das mais jubilosas ordenanças da igreja, comemorando um acontecimento da mais alta significação, isto é, a coroação de duas vidas, ocasião esta das mais legítimas congratulações.

O casamento é ainda um repositório de bênção, tanto quanto o era quando saiu das mãos de Deus, no Eden.

Esta relação vos oferece inestimáveis oportunidades para felicidade. Podeis considerar os privilégios e alegrias oriundas desta união como vossa herança directa de Deus. Expulsai da mente irrazoáveis temores e preconceitos que venham interferir na amálgama de duas vidas numa só. Vivei como deve viver um cristão, segundo os ditames de uma consciência iluminada pelas Escrituras e bom senso comum e não precisareis temer os encargos que tendes assumido.

No próprio centro da felicidade conjugal há um princípio vital que certamente conheceis mas de que não tendes garantia. Aplicai este princípio a vosso matrimónio e encontrareis felicidade:

«Só em Cristo é que se pode com segurança entrar para a aliança matrimonial. O amor humano deve fazer derivar do divino os seus laços mais íntimos. Só onde Cristo reina é que pode haver afeição profunda, verdadeira e altruísta». — *A Ciência do do Bom Viver*, pág. 309.

Por outras palavras, no centro da felicidade conjugal está uma pessoa — Jesus. Ele tem propriedade sobre vossa vida. Ele vos criou e remiu. A Ele pertenceis em sentido mais real do que vos pertenceis um ao outro. Vossa responsabilidade para com Ele como Senhor e Rei da vossa vida está em primeiro lugar. A Ele deveis vossa primeira afeição e aliança.

À medida que O tornardes o centro de vossa vida, verificareis que vos ides unindo tão intimamente como os raios de uma roda tocam o círculo do cubo. Jesus é a fonte de vida e amor. Em Sua presença o amor mútuo será refinado e purificado, purgado desse natural egoísmo que gera a inveja, a crítica, a impureza, a cobiça, a indelicadeza, o orgulho, o autoritarismo e

turbam a tranquilidade e felicidade conjugal.

Tende vossos momentos especiais de oração. Ficai a sós como Deus. Falai-Lhe como ao vosso melhor amigo. Rendei-vos a Cristo e mantende-vos seguros a Sua graça. Recebei-O em vosso coração como um hóspede permanente. Recebei de Deus tudo quanto Ele oferece. Estai desejosos de recebê-Lo como Salvador, tanto quanto está Ele receber-vos como filhos.

Às vezes sentireis ser difícil separar-vos um do outro para estar com Ele, mas deveis lembrar-vos de que a oração é um positivo dever que tendes para com Deus e uma obrigação de um para com o outro. Tomai tempo para vos desincumbir deste dever, se quereis ser fortes e ter êxito no enfrentar os problemas que surgirão no vosso novo lar.

Agora, considerando deste ponto de vista, vamos descobrir, se possível, alguns dos factores que possibilitem duas pessoas viverem juntas como marido e mulher, sem atritos desnecessários. Encontrareis dificuldades em aplicar vosso cristianismo a problemas específicos, a menos que deis cuidadosa atenção a cada factor neles envolvido.

Uma das mais importantes considerações dos jovens casais é de um lugar para viver. Naturalmente vossas finanças influirão grandemente na solução deste problema. Se tendes boa saúde, renda estável e dinheiro bastante para tanto, empregai-o numa casa que seja mesmo vossa. Garanti-vos cantinho aseado nos arredores da cidade. Melhor ainda comprar uma casa no campo, saindo o marido cada dia para trabalhar. Haveis de notar que melhor se adapta a uma família a vida no campo do que a na cidade.

E quando vierem os filhos, este mo-

desto lugarzinho, em pleno contacto com Deus, será justamente o lugar para eles.

A questão de onde morar, leva-nos ao assunto das finanças. Se o salário do marido é pequeno, pode ser necessário por algum tempo viver com os pais. Entretanto, não é muito interessante para o jovem par, viver os primeiros anos da sua vida de casados no mesmo lar que os pais.

Pode haver circunstâncias que exijam que os pais dele ou dela morem com os recém-casados, mas isto nem sempre é o plano ideal.

Há muitos aspectos na questão de viver em paz com os familiares. Especialmente não devem os recém-casados dar exagerada importância a coisas de somenos. As seguintes virtudes são especialmente necessárias quando um jovem casal tem que viver com os pais de um ou de outro: largueza de vistas, paciência, domínio-próprio, bondade, caridade e boa dose de senso comum.

O Sinal do Verdadeiro Povo de Deus

Continuação da pág. 5

senão na aparência; perdemos todo o benefício da sua verdadeira observância.

Que todos possamos compreender plenamente que santificando o Sábado, como deve ser, aceitamos Jesus como nosso Criador, como Aquele que nos santifica, e que bem depressa virá renovar todas as coisas.

Repetimos, para findar que, a observância do Sábado, se destina a fortalecer a nossa fé em Jesus Cristo. Esta fé n'Ele, de que a observância do Sábado é o sinal, prova que uma pessoa faz parte do verdadeiro povo de Deus.

Página _____

_____ da _____

_____ Juventude



Façamos a Oportunidade

por Laura Clemente

A oportunidade encontra-se em todo lugar, mesmo num campo de concentração. Não necessitamos de mais oportunidades, mas sim de uma visão mais ampla a fim de discernirmos as que nos rodeiam.

Pelo ano de 1920, uma senhora norte-americana que vivia em Vevey, Suíça, perdeu seu cãozinho favorito. Para preencher a lacuna por ele deixada, comprou quatro rafeiros alemães dos mais inteligentes que encontrou, decidida a ensiná-los de maneira tal que um deles substituisse o que morrera.

Seus planos não deram o resultado almejado, no entanto, por informação de um amigo entusiasta, tornou-se dona de um canil que fornecia animais à polícia suíça, aos oficiais da alfândega e ao exército. Seu negócio prosperou sobremaneira.

Apresentou-se-lhe então uma oportunidade. Visitando a Alemanha, assombrou-se ao ver certos cães servirem de guia a ex-soldados cegos da primeira guerra mundial. Esses inválidos iam por toda parte sem correr perigo. Os cães serviam-lhes de olhos! Em seu próprio país, havia veteranos de guerra que necessitavam desesperadamente daquilo que esses soldados tinham.

Diante disso, Dorotéia Harrison Eustis transferiu seus canis para Morristown, em Nova Jersey, e ali amestrou milhares de cachorros denominando-os: «Olhos que vêem». Esses animais guiam agora não somente os veteranos da primeira guerra mundial, como também os da segunda.

Cada ano essa instituição recebe generosas doações em dinheiro, enviadas por apreciadores e simpatizantes dessa tão benemérita obra.

A instituição não cria mais cães, porém ainda recebe os melhores rafeiros de presente ou os compra para ensiná-los.

Os cegos, além do alfabeto Braille, têm nesses cães ensinados uma nova esperança que lhes resolverá muitos problemas.

Dorotéia Harrison Eustis sente-se feliz em haver descoberto essa oportunidade e em ter tido a iniciativa suficiente para aproveitá-la e fazê-la profícua ao extremo.

* * *

Faz quarenta anos, Henrique Huddleston, que vivia com os pais numa pobre fazenda no Arkansas, conseguiu um

ingresso para assistir a uma conferência que proferiria o Dr. Russel Conwell, da Filadélfia. Ouvira durante a palestra a clássica história de Al Hafed, o granjeiro persa que se empenhara na busca de diamantes.

Al Hafed pertencia a uma família próspera, possuidora de muitas propriedades, e tinha muitos amigos. Vivera feliz até que soube, por boca dum sacerdote budista, que havia umas pedras preciosíssimas chamadas diamantes, cada uma das quais valia mais que tudo o que possuía. Assim, vendeu todas as suas herdades, deixou a família aos cuidados dum vizinho e pôs-se à busca dos diamantes. Isso o levou a terras remotas cujas viagens lhe consumiram a fortuna. Quando, por fim, compreendeu que sua empresa fracassara, suicidou-se.

Tal foi o fim de Al Hafed; não é, porém, o da história. O homem que lhe compara a granja encontrou no arroio do jardim onde abeberava diàriamente o camelo, um lindo diamante. Escavou e encontrou uma verdadeira fortuna em pedras preciosas. Assim foi que se descobriram as minas de Golconda, umas das mais famosas em diamantes. Al Hafed deixara escapar um tesouro inapreciável, enquanto buscava outro mais deslumbrante.

Henrique Huddleston recordou várias vezes essa história, ao volver à humilde fazenda da qual ele com o pai apenas tiravam o necessário para viver. Não via possibilidades de melhorar a situação. Entretanto, não se lhes apresentaria a oportunidade em forma de diamantes nesses terrenos estéreis? Decidiu descobrir as possibilidades que ali houvesse.

Parte da fazenda se elevava sobre a cratera dum vulcão extinto, e que não lhe permitia nenhuma colheita. Certa feita, percorria Henrique esses lugares estéreis, pensando no que se poderia fazer com eles, quando tropeçou em dois cristais que lhe despertaram a curiosidade. Ao mostrá-los ao pai este aconselhou que fosse à cidade leva-los a um joalheiro, a fim de proceder ao devido exame. Para assombro do joalheiro, do Sr. Huddleston e do jovem, as pedras eram diamantes.

Pareciam de mediana qualidade, porém os geólogos asseguraram, após investigações, tratar-se dum mina da qual poderiam obter valiosos diamantes e em quantidade incalculável.

Tal é a história de Henrique Huddleston que, buscando ansiosamente a oportunidade, encontrou-a.

Amigo, a oportunidade está em todas as partes, ao nosso redor. Busque-mo-la diligentemente, e achá-la-emos.

Consolando Alheias Penas

José Lannes

Quanta vez, desencantados
de tudo que nos rodeia,
ante nova dor alheia
nos sentimos despertados!

Damos-lhe nossos cuidados,
a alma de cuidados cheia.
E eis que nos incendeia
a luz dos olhos cansados.

E o coração, que sofria,
pulsa de estranha alegria,
e há ternura em nossa voz.

Que foi? Quase nada. Apenas,
Consolando alheias penas,
nos esquecemos de nós...

O Edito de Constantino

Continuação da pág. 3

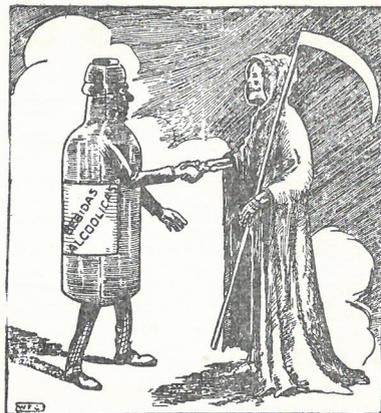
POLO E MITRA *COMO AOS CRISTÃOS.*»
(Versais nossos.) — Dr. Talbot W. Chambers,
Old Testament Student, Janeiro de 1886.

Isto é confirmado por Stanley, que diz:

«A conservação do antigo nome pagão de 'Dies Solis' ou 'Sunday' (dia de Sol) para a festa semanal cristã é em grande parte, devida à união dos sentimentos pagãos e cristãos, pelo qual foi o primeiro dia da semana imposto por Constantino aos seus súbditos — tanto

Continua na página 15

Perigos das bebidas alcoólicas



HOSI E A GIBÓIA

Algo de desusado se passava naquela aldeia. Os seus habitantes já não dormiam sossegados desde que alguém instalara um alambique para destilar aguardente ali perto. Ninguém queria trabalhar e muitos passavam os dias bebendo copiosamente. O Vício apoderara-se das próprias mulheres e dentro dos lares reinava uma confusão indescritível. As mães abandonavam os seus filhos e os pais deixavam-nos padecer fome. As zaragatas sucediam-se umas após outras. O soba da aldeia tinha todos os dias muitas questões a resolver e um dia comentou: «Esta bebida que é tão boa, desde que foi introduzida nesta aldeia, está a dar-me muito que fazer...»

Certo dia, um tal Hosi, homem forte e bem parecido, excedeu-se na bebida. Passara o dia junto do alambique e saiu de lá desfigurado e cambaleante. Tão ébrio estava que não conseguiu encontrar o caminho de regresso a casa. Embrenhou-se pela mata e depois de muito caminhar, caiu exausto e ficou a dormir profundamente.

O sol rompia e os seus raios quentes começaram a despertar tudo para a vida. Hosi também acordou e, com grande espanto, notou algo de anormal. Só via uma perna e uma massa informe no lugar da outra. Que era aquilo?

Ter-lhe-iam cortado a perna durante a noite? Esfregou os olhos e mal podia acreditar no que via: uma enorme gibóia já engolira a sua perna até ao joelho!

Apavorado, Hosi, com as forças do desespero, num gesto rápido, sacudiu o réptil e arrancou-lhe das goelas a sua perna dorida e sangrenta. O medo multiplicou-lhe as forças. De um salto pôs-se de pé e correu para a aldeia. Dirigiu-se a casa do soba e contou-lhe a sua incrível aventura. Este ficou profundamente impressionado e logo mandou reunir toda a gente para lhes relatar o que acontecera. Ao ouvirem essa história extraordinária, todos concordaram que a bebedeira devia acabar. Ao apelo do soba, todos responderam fazendo o voto de não mais beberem bebidas alcoólicas. Quando vêm passar o Hosi, todos os habitantes da aldeia lembram-se dos seus votos. Ele constitui um exemplo frisante do perigo das bebidas alcoólicas. A paz e a normalidade regressou à aldeia e todos agora vivem felizes.

Em geral o africano é pobre e faltam-lhe muitas comodidades da vida. Ele agrava a situação gastando o pouco que tem em álcool e, assim fazem-

Através da Seara de Angola

O Trabalho na Upunda

Depois de eu ter terminado o meu curso bíblico no Instituto Adventista do Bongo, em Junho de 1963, fui colocado no Campo Missionário de Nova Lisboa, na catequese de Upunda, Concelho da Bela Vista. Nessa área havia só três catequeses adventistas.

A princípio tudo me pareceu muito difícil. A maioria dos habitantes daquela região é católica ou protestante. Procurei sempre ser sociável e contactar com eles. Aos poucos o preconceito foi desaparecendo e arranjei muitos amigos entre eles. Sempre que surgia oportunidade, falava-lhes da bendita Verdade que nos foi confiada. Chegou o tempo em que eles me pediam para lhes dirigir a palavra e alimentá-los com o Pão Espiritual. Houve alguns que se opunham a esta crescente influência do obreiro adventista sobre eles, mas nada conseguiram porque o Dono da seara enviou o Seu Espírito aos corações dos ouvintes.

Próximo da Catequese de Upunda há uma linda aldeia chamada Vila Verde. Ali viviam várias famílias protestantes com quem eu contactei. Muitas vezes eles vinham a nossa casa e pediam que eu lhes falasse das Escrituras. Compreendi que eles eram inquiridores da Verdade e eram sinceros. Procurei ensiná-los e orei muito por eles. Dei-lhes um *Catecismo* e o livro *Estudos Bíblicos*. Espliquei-lhes a doutrina da Vinda de Cristo, do Sábado, do Estado do Homem na Morte, etc. Quando dei-

do, perde a oportunidade de trabalhar e progredir.

O factor psicológico também contribui para que muitos africanos bebam. Eles receiam que os outros os considerem menos viris por não beberem. Que engano! Por cima de tudo isto faz-se uma propaganda intensa das bebidas alcoólicas através dos jornais, da rádio, de cartazes, etc.

Atenção membros da Igreja! Não vos deixeis contaminar por esta onda de alcoolismo que a todos quer devorar...

Manuel Francisco Vinha Henriques

Aluno da Missão da Namba de 1955 a 1959

xei a Upunda, para prestar serviço militar em Nova Lisboa, eles ainda não tinham feito a sua decisão.

Há pouco tempo recebi novas por intermédio do Sr. Pastor Diniz Capiñala. Os habitantes de Vila Verde tinham-se decidido pela Verdade Presente. Pediram que os seus nomes fossem cortados da sua igreja e hoje Vila Verde é uma aldeia adventista! A decisão dessas almas sinceras, causou muito espanto e consternação entre os seus correligionários. A nós não nos espantou porque sabemos que o Evangelho tem poder.

Prezados leitores do Boletim, não desanimem-se, ao semeardes, não virdes o fruto imediatamente. Ele virá, por fim.

Evaristo Moma

A Experiência de um Jovem

Cheguei ao I. A. B. em Setembro de 1958 vindo da Missão do Lucusse. Meti-me em vários sarilhos e, em Janeiro de 1960, voltei para casa. Em 1962 fui para a Missão da Luz onde tirei a 4.ª Classe. No ano seguinte o Sr. Director Candeias mandou-me para o I. A. B. nova, mente, no grupo dos jovens que vinha tirar o Curso Bíblico. Fiquei muito triste porque tinha jurado que nunca mais voltaria ao Bongo!

Custou-me a conformar-me. Fiz o 1.º e 2.º anos, ainda contrafeito. Durante o 3.º e último ano, tive várias dificuldades e problemas. Quantas vezes pensei em desistir! Satanás tentava-me de todas as maneiras, procurando desviar-me do caminho que conduz à vida eterna. Eu andava sempre triste, mal disposto, criando problemas no dormitório, nas aulas e no trabalho. Foi então que o Sr. Prof. Orlando de Albuquerque me chamou e conversou comigo. Eu que não queria ouvir os conselhos do preceptor, fiquei impressionado com o interesse que o Sr. Professor mostrou por mim. Várias vezes ele me chamou para me aconselhar e orar comigo. Fui ganhando coragem e terminei o meu curso.

Olhando para trás, vejo que a mão de Deus me guiou. Eu estava a fugir do caminho melhor para mim. Hoje dou graças a Deus pela Sua direcção e agora que sou obreiro na Sua Causa, quero dedicar a minha vida ao Seu serviço tão glorioso e ajudar outros que precisem de ajuda como eu precisei.

Ernesto João Eduardo

Notícias do Campo

Visita Real à Missão de N. Lisboa

No dia 2 de Maio de 1966, pelas 14H30, a Missão Adventista do Sétimo Dia, de Nova Lisboa, teve a honra de ser visitada por uma cabeça coroada.

Pouco tempo antes tínhamos sido informados de que Sua Majestade, o Rei Simeão II da Bulgária, desejava visitar a nossa Missão. Dirigimo-nos ao Palácio do Governo e aguardámos a chegada de Sua Majestade que não se fez esperar. De carro acompanhamo-lo até à nossa Missão.

O Rei Simeão II fazia-se acompanhar pelo Sr. Dom Marcus de Albergaria Noronha e Costa, elemento do seu Conselho Privado, pelo representante do CITA, Sr. Joaquim Gonçalves e ainda pelo fotógrafo do mesmo organismo, Sr. Joaquim Cabral.

Sua Majestade visitou, em primeiro lugar, o Colégio Adventista do Huambo, percorrendo todas as salas e observando as aulas em pleno funcionamento, falando com professores e alunos. Seguidamente visitou a Escola Primária, onde igualmente trocou impressões com professores e alunos.

O Templo de Nova Lisboa foi pormenorizadamente visitado por Sua Majestade e pela sua comitiva, tendo nós ouvido encômios que muito nos sensibilizaram. Tão minuciosa foi a visita, que Sua Majestade pediu para ver o tanque baptismal. O Pastor Hermanson teve então ocasião de explicar o significado do baptismo e o método pelo qual ele deve ser realizado, tendo Sua Majestade declarado que tudo o que ouvia era lógico e aceitável.

Percorremos depois o terreno da Missão, passando pelas diversas residências e entramos nos escritórios da União que, no momento, se encontrava em obras.

Na Publicadora, Sua Majestade exprimiu a sua admiração pelo grande número de livros e revistas publicados pela nossa Igreja, folheu alguns deles e indagou acerca da nossa Obra não somente em Angola, mas pelo mundo fora. Depois de, a traços largos, termos satisfeito a curiosidade de Sua Majestade, tivemos o prazer de lhe oferecer alguns livros que focam a nossa doutrina e a nossa Obra.

Terminada a visita, Sua Majestade e a comitiva dirigiu-se para o automóvel que o aguardava e que o transportou ao Palácio do Governo. Despedimo-nos, desejando a Sua Majestade a continuação de feliz viagem e as mais ricas bênçãos de Deus sobre a sua vida. Visivelmente emocionado, Sua Majestade apertou-nos a mão e seguiu viagem.

O Rei da Bulgária partiu, mas a impressão da sua visita ficou connosco. Nobre de nascimento, mas humilde no trato, altamente instruído, mas simples nas suas palavras, bastante

viajado, mas interessando-se por tudo o que via, o Rei Simeão II da Bulgária conquistou a nossa simpatia e admiração. Esperamos que ele tenha levado bem gravado na sua mente o espírito missionário dos Adventistas do Sétimo Dia em Angola, assim como o espírito hospitaleiro dos portugueses, que nos honramos de ser.

Que Deus abençoe Sua Majestade Simeão II, Rei da Bulgária, que, no exílio, continua a representar um povo, por cujo bem-estar e liberdade ele continua a lutar!

«A Bíblia na mão» em Nova Lisboa

Continuam as reuniões semanais, aos domingos, da Campanha de Evangelização da Igreja de Nova Lisboa. Estas reuniões têm sido regularmente frequentadas, estando em uso 106 Bíblias.

Pedimos as vossas orações para o bom êxito desta Campanha de Evangelização, de sorte que muitas almas sejam ganhas para o Senhor.

Baptismos na Igreja de Nova Lisboa

No dia 8 de Maio tivemos a alegria de sepultar nas águas baptismais três preciosas almas, que foram acrescentadas à Igreja de Nova Lisboa.

No próximo dia 29, realizar-se-ão mais quatro baptismos de candidatos da Igreja da Caála.

«Dorcas» de Nova Lisboa

Esta activa Sociedade, levou a efeito mais uma exposição de artigos confeccionados pelas irmãs da Igreja de Nova Lisboa, cujo produto reverterá a favor de obras de caridade.

A exposição esteve bastante concorrida, tendo-a visitado muitas pessoas, quer da Igreja, quer de fora. Os trabalhos apresentados venderam-se imediatamente, o que demonstra o interesse que o trabalho de beneficência das «Dorcas» a todos merece. Apraz-nos registar o cantinho dos bolos e refrescos, que esteve muito concorrido.

Estão de parabéns as irmãs dirigentes das «Dorcas» D. Graciete Miranda e D. Conceição Santos que, coadjuvadas pelos respectivos esposos, apresentaram uma atraente exposição, na qual o bom gosto era a nota dominante.

Aguardamos com ansiedade a nova exposição e, até lá, apelamos para que todos — irmãs e irmãos — dêem a sua melhor colaboração ao trabalho desta simpática e benemérita Sociedade.

J. M. Miranda

Boletim Adventista



Notícias do Instituto

As cerimónias comemorativas do encerramento do ano lectivo de 1965-1966 dos cursos de treino foram particularmente brilhantes este ano. Todos quantos a elas assistiram, ficaram profundamente impressionados, porquanto, na história do I. A. B., foi a primeira vez que se organizou uma Classe de Finalistas e se realizou um programa tão elaborado. Queremos dar graças ao nosso Deus pelo progresso realizado e esperamos que ele seja o prenúncio de maiores vitórias para a nossa Escola no futuro.

O dia 29 de Maio raiou lindo e promissor. Já de madrugada havia azáfama por todos os lados.

Às 8H00 da manhã todos os alunos e professores se encontravam formados em frente do edifício da Escola. À hora exacta chegou o Exmo. Sr. Administrador do Concelho do Longonjo, Sr. Adriano Angléu Teixeira. Aos acordes do Hino Nacional procedeu-se à cerimónia do içar da gloriosa Bandeira verde-rubra.

Às 9H00 da manhã teve início um período desportivo. Este foi cheio de actividade, de risadas cristalinas e de esufiante alegria. Houve corridas a pé e de bicicleta, corridas de sacos e vários jogos, todos eles muito apreciados pela assistência.

Às 13H00 teve lugar um almoço de confraternização entre os alunos finalistas e os seus professores, no remodelada carpintaria do nosso Instituto. A este almoço, além das pessoas já mencionadas, estiveram presentes o Presidente interino da nossa União, Pastor E. L. Jewell que se fazia acompanhar de sua esposa, Secretários Departamentais da União, Pastores E. V. Hermanson e J. A. Morgado, que também se fazia acompanhar pela sua família. O almoço decorreu numa atmosfera agradável e, a meio, o secretário da Classe Finalista, Adão António Gombe, levantou-se para expressar os sentimentos de todos e para agradecer à direcção do Instituto e, muito particularmente, à preceptora, D. Isabel Rodrigues, aquele excelente almoço.

Às 15:00 Horas houve uma reunião de investiduras dos M. V., que foi dirigida pelo Sr. Prof. A. A. Maurício. O Pastor Morgado sentiu-se feliz por poder investir tão grande número de jovens que, conscienciosamente, se haviam preparado e passado nos exames das classes progressivas.

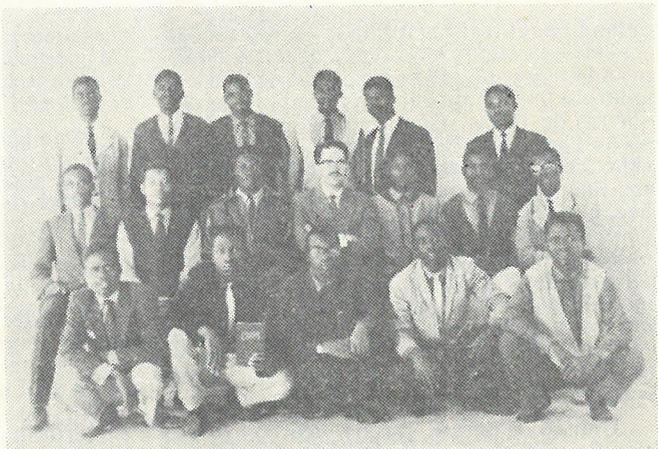
Uma hora depois, todos se juntavam perto do jardim do

Instituto. Que haveria ali? Não tardou a resposta. O Presidente da Classe de Finalistas, Jonas Marcolino Samucuanha, num brilhante discurso, dirigindo-se ao Director I. A. B., fez-lhe a oferta da lembrança da Classe de Finalistas de 1966: duas passadeiras em cimento para o jardim. Logo em seguida, o tesoureiro da classe, Carlos Eduardo, numas breves palavras, ofereceu à Escola um quadro com as fotografias de todos os finalistas. O Director do Instituto, J. E. Rodrigues, agradeceu comovidamente e convidou o Pastor Jewell a cortar as fitas e descerrar umas placas que ali ficaram a atestar o interesse da classe de 1966 pela sua Escola.

Após esta tão expressiva cerimónia, todos se dirigiram à Sala 5 onde se encontravam os belos trabalhos de costura e bordados das alunas do I. A. B. Quando a Sr.^a D. Irma Jewell cortou a fita, inaugurando assim a exposição de labores de 1966, o seu gesto foi sublinhado por umas salva de palma. Todos procuraram entrar e extasiar-se perante as maravilhas expostas. Aqueles trabalhos representam uma grande vitória da obra adventista em Angola, horas de paciência e de perseverança de amor e de dedicação.

Às 20H00, na presença do Exmo. Sr. Administrador do Conselho, deu-se início à cerimónia da Graduação. Numa atmosfera de silêncio e de reverência, entraram as várias classes que foram ocupar os seus lugares. Nota interessante, foi a presença das meninas, pela primeira vez, na marcha da graduação.

O Director do I. A. B. chamou a atenção de todos para o significado do acto. O Pastor J. A. Morgado pregou o sermão. O Dr. Roy B. Parsons fez oração de consagração. O Pastor Jewell entregou os diplomas.



O Director do I. A. B. com os Finalistas de 1966

Ao som das notas que D. Leona Parsons tirava do piano, todos saíram da igreja para cumprimentar os novos obreiros.

Queridos leitores, não vos esqueçais do Instituto nas vossas orações. Ele é a fonte dos obreiros de Angola. Que Deus vos abençoe a todos.

Henrique Paulino

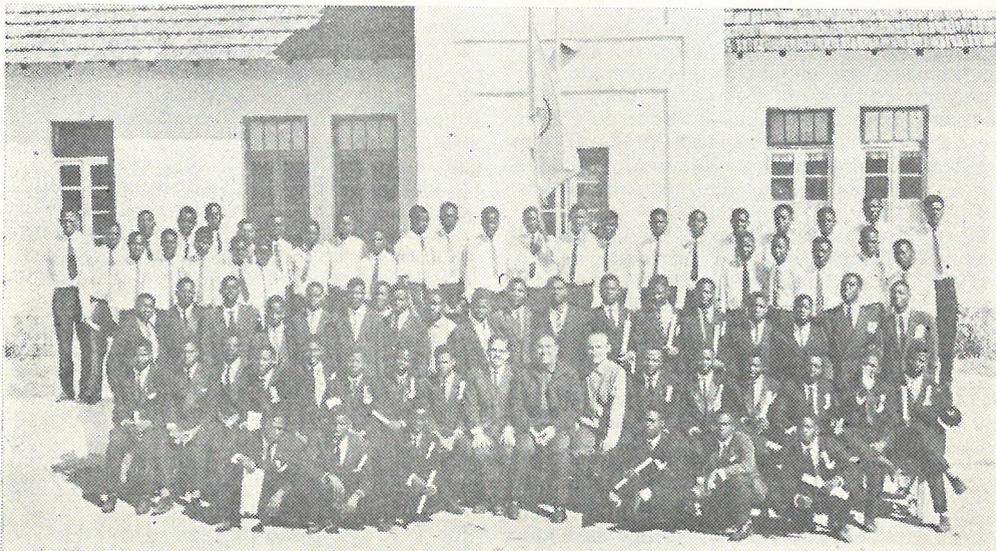
Campanha do Instituto em Lupili

Se outrora os marinheiros partiam em busca de terras desconhecidas, o nosso grupo, de alunos finalistas também partiu em busca de uma terra da qual só conhecíamos o nome. Nada sabíamos a respeito da sua localização, população, paisagem, clima e produções. Per-

fez, e muito mais se faria — confessemos-lo humildemente — se maior fosse a nossa experiência. Deus é Justo Juiz e abençoará o que pudemos fazer.

O Pastor Leonardo Mines foi de grande auxílio. A sua experiência serviu-nos de muito. Cada jovem recebeu o encargo de apresentar uma reunião pública, com um sermão sobre um tema escolhido e relacionado com os estudos bíblicos dados de casa em casa esse dia.

No primeiro dia, ao serem distribuídas as casas, certo homem disse que lhe era impossível assistir aos estudos bíblicos porque tinha de sair cedo da aldeia e apresentar-se a tempo ao trabalho, em casa do seu patrão. Certa noite, reunidos ao redor da fogueira, cantando hinos, relatando experiências e contando histórias, vimo-lo ser agitado, empolgado mesmo, pela melodia e pelos movimentos de um hino para crianças que cantávamos



Alunos dos Cursos de Treino do Instituto Adventista do Bongo

guntando aqui e ali, e seguindo as indicações recebidas, lá fomos ter. Logo à chegada pudemos admirar extensas searas de trigo loiro e maduro e imediatamente nos lembramos das palavras de Jesus: «Grande é a seara e poucos os obreiros». E, realmente, um pequeno grupo como o nosso, composto por dez jovens finalistas, um pastor e o autor destas linhas, não seria bastante para colher tão grandes searas como as que loirjavam diante dos nossos olhos. Como seria o trabalho espiritual na aldeia? Decerto que aos olhos do Divino Mestre, esta aldeia de Lupili era como uma seara madura à qual Ele nos enviara com o encargo sagrado de colher as almas maduras — sequiosas do Grande Amor e da Grande Salvação que gratuitamente Deus nos dá.

Unindo os nossos fracos esforços ao poder infinito do Deus Altíssimo, passámos treze dias abençoados, durante os quais muito se

nesse momento. No dia seguinte, veio a notícia maravilhosa: Esse homem pedia que lhe dessem estudos bíblicos à noite, já que de manhã não lhe era possível estar presente.

Que não poderia contar cada jovem! Entretanto o tempo chegou ao fim e todos ouvimos o mesmo pedido: «Ficai mais uma semana! Foi tão bom, mas tão pouco tempo».

E aquele povo hospitaleiro, que chorou, pediu as nossas orações e vibrou com a Palavra de Deus, viu-nos partir com mágoa.

Que Deus abençoe a Sua Palavra ali lançada, anime aquelas almas e que na volta do nosso Senhor e Salvador possamos ver que a seara do Lupili deu uma grande colheita de almas para o celeiro celeste, são os votos sinceros de

Orlando de Albuquerque

Boletim Adventista

Campanha do Instituto em Samaria

Às 6,50 da manhã do dia 31 de Maio de 1966 saímos com dez alunos finalistas e o Pastor Pedro Balança de Freitas rumo a Samaria (Iava) para ali fazermos uma campanha de 14 dias. O nome da aldeia era-nos inspirador. Fazia-nos lembrar quando Jesus e Seus discípulos passaram por Samaria e junto ao poço de Jacob, enquanto os discípulos foram à cidade, Jesus teve a grande conversa com a mulher samaritana da qual resultou a conversão de muitos.

A nossa campanha foi, tanto sob o aspecto de camaradagem como em resultados, boa, e por isso estamos alegres e damos graças a Deus. O povo recebeu-nos de braços abertos e mostrou-se sempre muito desejoso de aprender quer em reuniões privadas quer públicas. Era animador ver a alegria que os nossos rapazes traziam estampada nos rostos quando todos nos reuníamos e se perguntava por impressões, eram todos unânimes em dizer: Estamos muito contentes! Há muito interesse! Somos muito bem recebidos! Os nossos finalistas também não se pouparam a esforços. Norteados pela divisa que escolheram para a sua classe finalista «Eis-me aqui, envia-me a mim» e pelo seu alvo «Partilhar a Fé» eles foram activos no cumprimento dos seus deveres. Atestam-no os resultados obtidos:

Casas Visitadas diariamente	75
Estudos Bíblicos	486
Assistentes aos Estudos	1957
Reuniões Públicas	14
Assistência Total	5987
Decisões	73
Doentes	364
Comprimidos	359
Curativos	22
Tratamentos	188
Casas Ajudadas	19

Somos a pedir a Deus que abençoe a semente lançada naquele lugar bem como o mestre ali colocado e que este trabalho possa redundar em muitas almas ganhas para o reino dos Céus.

Aos nossos finalistas, que esta campanha tenha sido um incentivo para o trabalho que o Senhor em breve lhes vai confiar e que possam ter um apostolado mui fecundo no PARTILHAR A FÉ, são os mais sinceros votos de

A. A. Maurício

O Edito de Constantino

Continuação da página 9

pagãos como cristãos — como o 'venerável dia do Sol'... Foi com esta maneira habilidosa que conseguiu harmonizar as religiões discordantes do império, unindo-as sob uma instituição comum.» — Deão Stanley, *Lectures on the History on the Eastern Church*, conferência n.º 6, pág. 184.

Comentando a suposta conversão de Constantino, escreve o erudito bispo Artur Cleveland Coxe:

«Foi uma conversão política, e como tal foi aceita, e Constantino foi um pagão até quase ao morrer. E quanto ao seu arrependimento final, abstenho-me de julgar.» — *Elucidation 2, of «Tertullian Against Marcion»*, book 4.

Comentando as cerimónias pagãs relacionadas com a dedicação de Constantinopla (cidade de Constantino), diz o autorizado MILMAN:

«Numa parte da cidade se colocou a estátua de PITIAN, noutra a divindade SMINTIA. Em outra parte na trípole de Delfos, as três serpentes representando PITON. E sobre um alto triângulo, o famoso pilar de prófiro, uma imagem na qual *Constantino teve o atrevimento de misturar os atributos do Sol, com os de Cristo e de si mesmo...* Seria o paganismo aproximando-se do cristianismo, ou o cristianismo degenerando-se em paganismo?» — *History of Christianity*, book 3, chap. 3.

Outro testemunho interessante é o de Eusébio:

«Ele Constantino impôs a todos os súbditos do império romano a observância do dia do Senhor COMO UM DIA DE REPOUSO, e também para que fosse honrado o dia que se segue ao sábado.» — *Life of Constantine*, Book 4, chap. 18. (Versais nossos.)

Um livro idoneo é *Mysteries of Mithra, de Cumont*. Nas páginas 167, 168 e 191 há valiosas informações corroboradas pela História e pela Arqueologia a respeito do mitraísmo. Poderíamos acrescentar dezenas de outros depoimentos, porém o espaço não o permite. Os citados, no entanto, provam à saciedade a tremenda influência do édito constantiniano em implantar definitivamente a *guarda* do primeiro dia da semana.

Visado pela Censura

Conselhos Sobre o Regime Alimentar

Acaba de aparecer em português este livro de E. G. White. Obra muito caprichada, lindamente encadernada, em bom papel, com 508 páginas, 25 capítulos com subtítulos, apêndices e índice remissivo, representa um tesouro de grande utilidade, indispensável no lar.

Formulámos algumas perguntas, baseadas naquilo que o livro contém para dar aos prezados leitores do Boletim, uma idéia do seu valor:

1. Para o bem do estômago, em que refeição do dia se deveria comer mais?
2. Que moléstias correm o perigo de contrair pessoas de hábitos sedentários que jantam tarde?
3. Qual é a doença para cuja cura, o melhor remédio é o jejum?
4. Por que motivo um organismo converte em bom sangue um regime pobre ao passo que outro requer regime mais escolhido?
5. Quais são as coisas que põem em perigo a saúde física, mental e moral do futuro filho?
6. De que erro comum deve ser protegida uma senhora antes do nascimento de seus filhos?
7. Qual é o melhor alimento para o bebê?
8. Quais são os perigos de se entregar o bebê a uma ama?
9. Quantas refeições por dia devia comer uma criança?
10. O que é que equivale a uma fortuna na cozinha?
11. Em que época do ano se deve preparar menos comida?
12. Como se evita o desperdício de tantos jotas e tis do orçamento doméstico?
13. Que arte é mais importante do que a música ou a costura?
14. Como se põe o fundamento para os mais úteis ramos da educação?
15. Quais são os remédios por cuja falta milhares de pessoas estão a perecer?
16. Em que alimentos se encontram todos os elementos de que necessitamos?
17. Quais são os alimentos que combinados, e em grande quantidade, sobrecarregam o organismo, irritam os órgãos digestivos e afectam o cérebro?
18. Que alimentos, e em que condições, são especialmente nocivos?
19. O que é que aumenta decuplicadamente a possibilidade de adquirir moléstias?
20. Que fez E. G. White certa vez para ir ao encontro das necessidades de uma família que estava doente? De que se desfez depois o pai? Como morreu mais tarde? Por que não viveu mais tempo?
21. Qual é a melhor fruta para quem está a crescer?

Bons livros são bons amigos. Valorise ainda mais seu lar e sua biblioteca com esta obra.

Um livro aberto é um cérebro que fala.

Um livro fechado é um amigo que espera.

Um livro esquecido é uma alma que perdoa.

Um livro destruído é um coração que chora.

Faça o seu pedido à Casa Publicadora Angolana, C. P. 3 — Nova Lisboa.

E. V. Hermanson

Boletim Adventista